4^a Parte

Prosa de Ficção

ARES DE INVERNO

Fran Martins

A cidade anda com ares de inverno, e isso, junto a esse estado de espírito pré-natalino que domina a todos dá ao ambiente um certo aspecto de véspera de dia de festa muito prejudicial ao individuo. Duvido que alguém, lendo esta frase uma só vez, descubra o que ela quer dizer. Na realidade, enquanto a máquina ia correndo, e as palavras se ajuntando, no meu cérebro uma certa confusão se fazia sobre o significado exato da idéia que eu queria exprimir. Por isso tentei até apagar as palavras alinhadas e trocar tudo por miúdos. Foi uma idéia muito rápida, na realidade apenas afluída, que logo tangi do espírito. Melhor seria em seguida explicar demoradamente minha intenção, pois assim ganharia um pouco mais de espaço escrito, que é sempre um problema para quem tem a obrigação de encher, diariamente, lauda e meia de papel.

Falei acima em ares de inverno e isso é cousa que ninguém, neste Estado, tem dificuldades em compreender. A gente na verdade passa a vida aqui a se guiar pelas possibilidades de precipitações pluviométricas, em geral cada um procurando organizar o seu programa de vida dentro da probabilidade de haver ou não inverno. Quando se atinge esta quadra dos anos os olhares de todos, em primeiro lugar, se voltam para o Piauí: é de lá que vêm as chuvas, é daquelas bandas que nos chegam as boas ou mas notícias. Chovendo no Piauí a gente pode pensar em comprar um terno novo, em projetar uma viagem há muito desejada, em olhar a planta da casa que um dia pensamos em construir. Mesmo que não sejamos agricultores e criadores, mesmo que desempenhemos modestos cargos públicos, com vencimentos fixos e irredutíveis, a notícia de que vai haver inverno sempre fortalece nossos desejos escondidos. E então, na certeza de que o Piauí está molhado, chega-nos a coragem de praticar os atos adiados há longo tempo. Por que? Porque vai chover. Porque os sertões ficarão verdes, haverá colheitas, milho, feijão, arroz. E isso é o bastante, muito embora não nos toque diretamente, para que demos o passo decisivo: o engenheiro recebe o rascunho da planta da casa e ordens para preparar o orçamento; cartas são expedidas a amigos distantes, avisando-lhes que dentro em breve estaremos por lá; e os alfaiates são visitados, nos mostram as fazendas de que poderemos fazer bons ternos. Se há inverno à vista tudo isso irá para a frente.

Porque havendo inverno haverá dinheiro, e dinheiro em abundância sempre é bom, mesmo que não nos pertença.

Ora, o exato é que parece que no próximo ano teremos inverno. As chuvas já começaram a cair, o calor está cada vez maior, as notícias do Piauí são boas e os profetas já vaticinaram inclusive o dia em que começará a boa temporada. E com esse bom presságio nosso espírito se alevanta. Para cúmulo estamos em vésperas de Natal, e mesmo os que não acreditam em Papai Noel se animam, nesta época do ano, a abrir o coração e comprar presentes para filhos, amigos, parentes e afilhados. De modo que aquela frase confusa queira significar é justamente isso: estando nós em vésperas de Natal, e havendo prenúncios de inverno, esses fatos juntos são um perigo para todos os viventes desta cidade. Um perigo para eles e um bom augúrio para os proprietários de lojas, que desde agora já estão sentindo a procura dos seus artigos, como se o Natal fosse amanhã e todos estivessem na obrigação de adquirir os seus presentes.

Isso que eu quis dizer, e uma vez dito demoradamente resta completar o pensamento. Mas me alonguei tanto que na realidade já não sei mais até onde queria ir. Pois a verdade é que eu também ando preocupado com essas coisas todas, tão preocupado que muitas vezes a idéia foge e fico assim, como agora, com uma frase começada e embatucado. Certamente para isso concorre o fato de já haver eu recebido três longas e minuciosas listas de presentes que devo comprar para Papai Noel dar aos meninos. O pior – e talvez o causador dessa confusão toda – foi o fato de, no final destas listas, vir um aviso de que, se Papai Noel não quisesse levar aqueles presentes todos – porque os que pediram reconhecem que são muitos para o pobre velho carregar sozinho – eu não deixasse de, mesmo assim, fazer as tais compras. Pois raciocinam os pedintes que, se Papai Noel não tiver forças para tanto, eu poderei, e deverei ajudá-lo nessa grata tarefa de distribuir presentes. Contanto que os cento e poucos pedidos sejam rigorosamente cumpridos, sob pena de haver uma revolução familiar, que, em última análise, é muito mais perigosa que essa decantada revolução intestina que nos levou ao estado de sítio.